

# A BÍBLIA DE BARRO

JULIA NAVARRO

# A BÍBLIA DE BARRO

Tradução de  
MANUEL BARREIROS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

*Para Fermín e Alex, sempre,  
e para os meus amigos, os melhores com que se pode sonhar*

Chovia em Roma quando o táxi se deteve na Praça de São Pedro. Eram dez da manhã.

O homem pagou o percurso e, sem esperar pelo troco, apertando um jornal debaixo do braço, aproximou-se em passo rápido do primeiro controlo em que rotineiramente se verificava se os visitantes entravam na basílica corretamente vestidos. Nada de calções, minisaias, *tops* ou bermudas.

No interior do templo, nem sequer se demorou ante a *Pietà* de Miguel Ângelo, a única obra de arte, das muitas que alberga o Vaticano, que o conseguia comover. Hesitou uns segundos até se orientar, encaminhando-se seguidamente para os confessionários onde, a essa hora, sacerdotes de diferentes países ouviam nas suas línguas maternas os fiéis chegados de todas as partes do mundo.

De pé, apoiado numa coluna, aguardou impaciente que outro crente acabasse de se confessar. Quando o viu levantar-se, dirigiu-se para o confessionário. Um cartaz informava que aquele padre exercia o seu ministério em italiano.

O eclesiástico esboçou um sorriso ao contemplar a figura seca do homem que envergava um fato de bom corte. Tinha o cabelo branco cuidadosamente penteado para trás e uma fisionomia impaciente de quem está habituado a mandar.

— Ave, Maria Puríssima.

— Concebida sem pecado.

— Padre, confesso que vou matar um homem. Que Deus me perdoe.

Após pronunciar estas palavras, o ancião levantou-se e, perante o olhar atónito do sacerdote, perdeu-se, veloz, entre o enxame de turistas que enchiam a basílica. Junto ao confessionário, caído no chão, deixou um jornal amarrotado. O clérigo demorou uns minutos a recompor-se. Outro homem já se ajoelhara e perguntava, impaciente:

— Padre, padre... Sente-se bem?

— Sim, sim... não, não... com licença...

Saiu do confessionário e pegou no jornal. Percorreu com a vista a página em que se encontrava aberto: concerto de Rostropovich, em Milão; êxito de bilheteira de um filme sobre dinossauros; congresso de arqueologia em Roma com a participação de reputados especialistas e professores: Clonay, Miller, Smidt, Arzaga, Polonoski, Tannenberg, surgindo este último nome rodeado por um círculo vermelho...

Dobrou o diário e, com o olhar absorto, abandonou o local, deixando o crente, que continuava de joelhos, com a palavra na boca, à espera de confessar os seus pecados e mágoas.

— Desejo falar com a senhora Barreda.

— Da parte de quem?

— Sou o doutor Cipriani.

— É só um momento, doutor.

O ancião passou a mão pelo cabelo e sentiu-se um pouco claustrofóbico. Respirou fundo tentando acalmar-se, enquanto deixava vaguear a vista pelos objetos que o tinham acompanhado ao longo dos últimos quarenta anos. O escritório cheirava a couro e a tabaco de cachimbo e, sobre a secretária, repousava uma moldura com duas fotografias: a dos pais e a dos filhos. Colocara a dos netos sobre o lintel da lareira. Ao fundo, um sofá e um par de cadeirões de orelhas, um candeeiro de pé com quebra-luz creme, estantes de mogno cheias de livros cobrindo as paredes, tapetes persas... Tratava-se do seu escritório, encontrava-se em casa e tinha de se acalmar.

— Carlo!

— Mercedes, encontrámo-lo!

— Que dizes, Carlo...?

A voz da mulher denunciava uma enorme tensão. Parecia desejar e temer, com igual intensidade, as explicações que estava prestes a ouvir.

— Acede à Internet, procura na imprensa italiana, em qualquer jornal, nas páginas de cultura. Vem lá.

— Tens a certeza?

— Sim, Mercedes, tenho.

— Porquê nas páginas de cultura?

— Não te lembras do que constava no campo?

— Sim, claro, sim... Então ele... Fá-lo-emos. Diz-me que não recuas.

— Não, não o farei. E tu também não; nem eles. Vou telefonar-lhes imediatamente. Precisamos de nos encontrar.

— Querem vir a Barcelona? Tenho lugar para todos.

— Pouco interessa onde. Depois telefono, agora quero falar com o Hans e o Bruno.

— Carlo, é mesmo ele? Tens a certeza? Temos de nos certificar. Manda-o vigiar, não podemos perdê-lo outra vez. Pouco importa quanto custe. Se quiseres, faço agora mesmo uma transferência bancária. Contrata os melhores, que não desapareça...

— Já tratei disso. Não o perderemos de novo, não te preocupes. Depois volto a ligar.

— Carlo, vou já para o aeroporto e apanho o primeiro avião que parta para Roma, não consigo ficar aqui...

— Mercedes, não saias daí até voltarmos a falar, não podemos cometer erros. Não escapará, confia em mim.

Desligou o telefone sentindo a mesma angústia que notara na interlocutora. Conhecendo-a, não afastava a hipótese de daí a duas horas lhe estar a telefonar de Fiumicino. Mercedes era incapaz de ficar quieta e esperar e, nesse momento, menos que nunca.

Marcou um número de telefone de Bona e aguardou, impaciente, que alguém respondesse.

— Quem fala?

— O professor Hausser, por favor.

— Quem deseja falar-lhe?

— Carlo Cipriani.

— Sou a Berta! Como está?

— Ah, querida Berta, que alegria ouvir a tua voz! Como estão o teu marido e os teus filhos?

— Muito bem, obrigada, com vontade de voltar a vê-lo. Não se esquecem das férias que passámos há três anos na sua casa da Toscana. Nunca lhe agradecerei o suficiente por nos ter convidado na altura em que o Rudolf se encontrava à beira de um esgotamento e...

— Vamos, vamos, não me agradeças. E também os quero voltar a ver... estão sempre convidados. Berta, o teu pai está?

A mulher apercebeu-se da urgência na voz do amigo do pai e interrompeu a conversa, não sem uma certa preocupação.

— Sim, vem já. E o senhor está bem de saúde? Passa-se alguma coisa?

— Não, minha querida, nada. Só queria falar um bocadinho com ele.

— Sim, já atende. Até breve, Carlo.

— *Ciao*, beleza!

Passaram apenas uns breves segundos até a voz forte e grave do professor Hausser lhe chegar através da linha.

— Carlo...

— Hans, está vivo!

Os dois homens ficaram em silêncio, cada um ouvindo a respiração entrecortada do outro.

— Onde está?

— Aqui, em Roma. Encontrei-o por acaso, ao folhear um jornal. Sei que não gostas da Internet, mas liga o computador e consulta qualquer jornal italiano, nas páginas culturais, e lá o encontrarás. Contratei uma agência de detetives para o vigiarem as vinte e quatro horas do dia e o seguirem para onde quer que vá, se sair de Roma. Temos de nos encontrar. Já falei com a Mercedes e agora vou ligar para o Bruno.

— Parto para Roma.

— Não sei se será boa ideia encontrarmo-nos aqui.

— Porque não? É aí que ele está e temos de fazê-lo. Vamos fazê-lo.

— Sim, nada no mundo nos poderá impedir.

— Fá-lo-emos nós?

— Se não encontrarmos mais ninguém, sim. Eu mesmo. Toda a vida pensei nisso. Em como seria, o que sentiria... Estou em paz com a minha consciência.

— Isso, meu amigo, só saberemos quando tudo terminar. Que Deus nos perdoe ou que, pelo menos, nos compreenda.

— Espera, é o telemóvel... é o Bruno. Desliga que já volto a telefonar-te.

— Carlo!

— Bruno, ia ligar-te agora mesmo...

— A Mercedes telefonou-me... É verdade?

— Sim.

— Sigo imediatamente de Viena para Roma. Onde nos encontramos?

— Bruno, espera...

— Não, não vou esperar. Já esperei mais de sessenta anos e, se ele apareceu, não espero nem mais um minuto. Quero participar. Quero ser eu a fazê-lo...

— Fá-lo-emos. De acordo, venham a Roma. Vou falar outra vez com a Mercedes e o Hans.

— A Mercedes já foi para o aeroporto e o meu avião sai dentro de uma hora. Avisa o Hans.

— Espero-vos aqui em casa.

Era meio-dia. Pensou que ainda tinha tempo de passar pela clínica e pedir à secretária para lhe anular todos os compromissos para os próximos dias. Já transferira a maioria dos pacientes para o seu primogénito, Antonino, mas alguns amigos de mais longa data ainda insistiam em que fosse ele a ter a última palavra sobre o seu estado de saúde. Não se queixava, porque era isso que o mantinha ativo e o obrigava a continuar a estudar todos os dias o misterioso mecanismo do corpo humano. Embora não ignorasse que, de facto, o que o mantinha vivo era o doloroso desejo de saldar uma conta. Confessara a si mesmo que não podia morrer até o conseguir, e nessa manhã, no Vaticano, enquanto se dirigia para o confessionário, ia dando graças a Deus por ter-lhe permitido viver para ver esse dia.

Sentiu uma dor aguda no peito. Não, não era o aviso de um enfarte, tratava-se, antes, de angústia, apenas angústia e raiva contra esse Deus em que não acreditava, mas ao qual rezava e increpava, certo de que não o ouvia. O seu humor não melhorou ao pensar de novo em Deus. O que tinha ele que ver com Deus? Nunca se ocupara dele. Nunca. Abandonara-o quando mais necessitara, quando inocentemente acreditava bastar ter fé para se salvar, para escapar ao horror. Que estúpido fora! Claro que agora pensava em Deus porque, aos setenta e cinco anos, sabemos estar mais perto da morte do que da vida e, no mais íntimo da nossa alma, perante a inevitável viagem, dispararam os alarmes do medo.

Pagou o táxi e, desta vez, recebeu o troco. A clínica, situada em Parioli, um tranquilo e elegante bairro de Roma, era um edifício de quatro andares no qual trabalhavam uma vintena de especialistas, além de outros dez médicos de clínica geral. Era a sua obra, fruto da sua vontade e do seu esforço. O pai ter-se-ia orgulhado dele e a mãe... Notou que se lhe humedeciam os olhos. A mãe abraçá-lo-ia com força, sussurrando-lhe que não havia nada que não conseguisse, que a força de vontade é tudo, que...

— Bom dia, doutor.

A voz do porteiro da clínica devolveu-o à realidade. Entrou com passo firme, bem apumado, e encaminhou-se para o seu gabinete, situado no primeiro andar. Foi cumprimentando outros médicos e apertando a mão de um ou outro paciente que o detinha ao reconhecê-lo. Sorriu quando a viu. Ao fundo do corredor, desenhava-se a silhueta esbelta da filha. Lara ouvia pacientemente uma mulher trémula que segurava com força a mão de uma adolescente. Fez um gesto de carinho à jovem e despediu-se da mulher. Não o vira e ele nada fez para que ela o notasse; mais tarde passaria pelo consultório dela.

Entrou na antecâmara do seu gabinete, e Maria, a secretária, ergueu os olhos do computador.

— Doutor, que tarde vem hoje! Tem um montão de chamadas e o senhor Bersini está quase a chegar. Já lhe fizeram todos os testes e, embora lhe comunicassem que possui uma saúde de ferro, insiste em que o veja e...

— Maria, recebo o senhor Bersini mal chegue, mas, depois, anule todas as consultas. Durante uns dias talvez não apareça por cá; vêm de fora alguns velhos amigos e tenho de estar com eles.

— Muito bem, doutor, até quando não devo aceitar consultas?

— Não sei, depois digo-lhe. Talvez uma semana, quando muito, duas... O meu filho está?

— Sim, e a sua filha também.

— Sim, já a vi. Maria, estou à espera de uma chamada do diretor da Agência de Investigações e Seguros. Passe-ma mesmo que esteja com o senhor Bersini, compreendeu?

— Compreendi, doutor, assim farei. Quer que ligue ao seu filho?

— Não, não, deixe; deve estar na sala de operações. Falo com ele mais tarde.

Encontrou os jornais em perfeita ordem em cima da mesa do gabinete. Pegou num deles e procurou nas últimas páginas. O título rezava: «Roma: capital da arqueologia mundial.» A notícia falava de um congresso sobre as origens da humanidade patrocinado pela UNESCO. E ali, na lista das presenças, encontrava-se o apelido do homem que procurava há mais de meio século.

Como era possível que, de repente, surgisse em Roma? Onde estivera antes? Será que ninguém tinha memória? Custava-lhe a crer que aquele homem pudesse participar num congresso mundial promovido pela UNESCO.

Recebeu o seu antigo paciente, Sandro Bersini, e fez um esforço extraordinário para lhe ouvir as queixas. Garantiu-lhe que tinha uma saúde de ferro, o que até era verdade, mas, pela primeira vez na vida, não se mostrou muito solícito, convidando-o amavelmente a sair com a desculpa de ter outros pacientes à espera.

O toque do telefone sobressaltou-o. Soube instintivamente que era a chamada da Agência de Investigações e Seguros.

O diretor da agência explicou-lhe resumidamente o resultado das primeiras horas de investigação. Tinha seis dos seus melhores homens no local do congresso.

A informação que lhe transmitiu surpreendeu Carlo. Tinha de haver um erro, a menos que...

Claro, o homem que procuravam era mais velho que eles e devia ter tido filhos, netos...

Sentiu uma pontada de decepção e de raiva; sentia-se burlado. Chegara a acreditar que aquele monstro emergira de novo e agora revelavam-lhe que não era ele. Mas, no seu íntimo, sabia que andavam perto, mais do que alguma vez tinham andado. De modo que pediu ao diretor da agência para não abandonar a vigilância. Pouco importava até onde tivesse de ir e quanto custasse.

— Papá...

Antonino entrara no gabinete sem que ele o notasse. Fez um esforço para se recompor ao ver que o filho o olhava, preocupado.

— Como vão as coisas, filho?

— Bem, como sempre. Em que pensavas? Nem reparaste que eu entrei.

— Continuas com os maus hábitos de criança, nunca bates à porta.

— Vamos, papá, não descarregues em mim!

— O que estou eu a descarregar em ti?

— O que quer que seja que te contraria... Conheço-te o suficiente para saber que hoje as coisas não te correram como esperavas. O que aconteceu?

— Enganas-te, vai tudo bem. Ah! Pode ser que durante uns dias não apareça na clínica. Já sei que não faço falta, mas é só para te informar.

— Como que não fazes falta? Estás bonito, hoje! E pode saber-se porque não vens? Alguma viagem?

— A Mercedes vem cá, e também o Hans e o Bruno.

Antonino franziu o sobrolho. Sabia como os amigos eram importantes para o pai, embora eles o inquietassem. Pareciam uns velhinhos inofensivos, mas não o eram. Pelo menos a ele, sempre tinham infundido uma sensação de medo.

— Devias casar-te com a Mercedes — gracejou.

— Não digas disparates!

— A mamã morreu vai para quinze anos e com a Mercedes parece estar à vontade e ela também se encontra sozinha.

— Basta, Antonino. Vou andando, filho.

— Viste a Lara?

— Passarei pelo seu consultório antes de sair.

Aos sessenta e cinco anos, Mercedes Barreda ainda conservava muita da sua anterior beleza. Alta, esbelta, morena, de porte elegante e ar decidido, impunha-se aos homens. Talvez por isso nunca se tivesse casado. Dizia a si mesma que nunca encontrara um homem à sua altura.

Era proprietária de uma empresa de construção civil. Fizera fortuna trabalhando infatigavelmente sem nunca se queixar. Os empregados consideravam-na uma pessoa dura, mas justa. Nunca deixara um operário desamparado. Pagava o que devia pagar, tinha-os a todos no seguro e preocupava-se em respeitar escrupulosamente os seus direitos. A fama de dura vinha-lhe, certamente, de nunca ninguém a ver rir ou, sequer, sorrir, mas também não a podiam acusar de alguma vez ter tido um gesto autoritário nem de pronunciar uma palavra em tom mais alto. No entanto, havia algo nela que se impunha aos que a rodeavam.

Vestida com um conjunto de cor bege e tendo por única joia uns brincos de pérolas, Mercedes Barreda atravessou com passo decidido os infundáveis corredores de Fiumicino, o aeroporto de Roma. Uma voz anunciava a chegada do voo de Viena em que viajava Bruno, de modo que podiam ir juntos para casa de Carlo. Hans chegara há uma hora.

Mercedes e Bruno uniram-se num abraço. Havia mais de um ano que não se viam, embora falassem frequentemente pelo telefone e se correspondessem pela Internet.

— E os teus filhos? — perguntou Mercedes.

— A Sara já é avó. A minha neta, a Helena, teve um filho.

— Ou seja, já és bisavô. Bem, até não estás nada mal para um velhote. E o teu filho, o David?

— Um solteirão empedernido, como tu.

— E a tua mulher?

— Deixei a Deborah a protestar. Há cinquenta anos que discutimos pelo mesmo motivo. Ela pretende que eu esqueça, não compreende que é algo que jamais poderemos fazer. Não queria que eu viesse. Sabes, ainda que não o reconheça, tem medo, muito medo.

Mercedes assentiu. Não culpava Deborah pelos seus receios, nem por desejar reter o marido. Simpatizava com a esposa de Bruno. Era uma ótima pessoa, amável e silenciosa, sempre pronta a ajudar os outros. Deborah, pelo seu lado, não lhe correspondia com o mesmo afeto. Quando, ocasionalmente, visitava Bruno em Viena, ela recebia-a como uma boa anfitriã, mas sem ocultar o temor que lhe inspirava «la Catalana», como sabia que ela lhe chamava.

De facto, era francesa. O pai fugira de Barcelona quando a Guerra Civil espanhola estava quase a terminar. Era anarquista, um homem bom e carinhoso. Em França, quando os nazis entraram em Paris, juntou-se, como tantos outros espanhóis, à Resistência. Nela conhecera a mãe de Mercedes, que servia de correio, e enamoraram-se. A filha nascera no pior momento e no pior lugar.

Bruno acabara de fazer setenta anos. Tinha o cabelo branco como a neve e os olhos azuis. Coxeava, pelo que se apoiava numa bengala com punho de prata. Nascera em Viena. Era músico, um extraordinário pianista, como o pai antes dele. Uma família que vivia para a música. Quando fechava os olhos, via o sorriso da mãe enquanto tocava piano a quatro mãos com a irmã mais velha. Há três anos que se reformara. Até então, Bruno Müller fora considerado um dos melhores pianistas do mundo. Também o filho, David, se entregara de corpo e alma à música; a sua vida era o violino, um admirável *Guarneri* do qual jamais se separava.

Meia hora antes, Hans Hausser chegara a casa de Carlo. Aos sessenta e sete anos, o professor Hausser ainda se impunha pela estatura. Media mais de um metro e noventa e a sua extrema magreza fazia-o parecer um homem frágil. Mas não o era.

Nos últimos quarenta anos dera aulas de Física na Universidade de Bona, teorizando sobre os mistérios da matéria, esquadrinhando os segredos do Universo.

Como Carlo, também ele era viúvo e deixava que a filha única, Berta, cuidasse dele.

Os dois amigos saboreavam uma chávena de café quando a governanta fez entrar Mercedes e Bruno no escritório. Não perderam tempo com formalidades. Tinham-se reunido para matar um homem.

— Bom, vou contar-vos em que pé estão as coisas — começou Carlo. — Esta manhã deparei, no jornal, com o apelido Tannenberg. Para não perder tempo, antes de vos telefonar, liguei para a agência de Investigações e Seguros. Já anteriormente os encarregara de procurar o rasto de Tannenberg, não sei se se recordam... Bom, o diretor, que foi meu paciente, telefonou-me há umas horas para me comunicar que, efetivamente, há um Tannenberg no congresso dos arqueólogos que se celebra em Roma, no Palazzo Brancaccio. Mas não é o nosso homem, trata-se de uma mulher chamada Clara Tannenberg, de nacionalidade iraquiana. Tem trinta e cinco anos e está casada com um iraquiano, um homem bem relacionado no regime de Saddam Hussein. É arqueóloga. Estudou no Cairo e nos Estados Unidos e, apesar da sua juventude, certamente graças à influência do marido, que também é arqueólogo, dirige uma das poucas escavações que ainda subsistem no Iraque. O marido estudou em França e doutorou-se nos Estados Unidos, onde viveu bastante tempo. Foi lá que se conheceram e se casaram, antes de os americanos terem decidido demonizar Saddam. Esta é a sua primeira viagem à Europa.

— Tem alguma coisa que ver com ele? — perguntou Mercedes.

— Com o Tannenberg? É uma possibilidade, pode ser sua filha. Nesse caso, espero chegar a ele através dela. Como vocês, não creio que tenha morrido, por mais que naquele cemitério figurasse uma lápide com o seu nome e o dos pais.

— Não, não morreu — afirmou Mercedes —, eu sei que não morreu. Senti durante todos estes anos que aquele monstro estava vivo. Como sugeriu o Carlo, pode ser sua filha.

— Ou neta — retorquiu Hans. — Ele não deve andar muito longe dos noventa.

— Carlo, o que vamos fazer? — perguntou Bruno.

— Segui-la, não importa até onde. A agência de Investigações e Seguros pode deslocar alguns homens para o Iraque, embora isso nos

custe uma pequena fortuna. Mas não tenhamos dúvidas de que, se, por fim, esse louco do George Bush invadir o país, nos veremos obrigados a procurar outra agência.

— Porquê? — O tom de Mercedes denotava impaciência.

— Porque para ir a um país em guerra é necessário um género de homens que sejam algo mais do que investigadores privados.

— Tens razão — concordou Hans. — Além disso, devemos tomar uma decisão. O que acontece se o encontram, se a Clara Tannenberberg tem algo que ver com ele? Eu digo-vos: precisamos de um profissional... de alguém que não se importe de matar. Se ainda está vivo, deve morrer, e se não...

— E se não que morram os filhos, os netos, qualquer um que tenha o seu sangue.

A voz de Mercedes soou cheia de raiva. Não estava disposta a ceder ao mais leve sentimento de piedade.

— Estou de acordo — assentiu Hans —, e tu, Bruno?

O pianista mais admirado do último terço do século xx não hesitou em responder com outro sim.

— Bom. Sabemos de alguma empresa dessas, que dispõem de mercenários para este tipo de incumbências? — perguntou Mercedes dirigindo-se a Carlo.

— Amanhã dão-me dois ou três nomes. O meu amigo, o diretor da Investigações e Seguros, garante que há várias empresas britânicas que contratam ex-membros dos fuzileiros e outros homens das forças especiais dos exércitos de meio mundo. Também existe uma companhia americana, uma multinacional de segurança, não passando a segurança de um eufemismo. Dispõem de soldados privados para enviar a qualquer ponto do mundo e lutar por qualquer causa bem remunerada. Acho que se chama Global Group. Amanhã decidiremos.

— Bom, mas para nós está assente que os Tannenberberg devem morrer, pouco importando que sejam mulheres ou até mesmo crianças...? — voltou Hans a perguntar.

— Não insistas — respondeu Mercedes —, levámos toda a vida a prepararmo-nos para este momento. Quem me dera ser eu a matá-lo pessoalmente.

Acreditaram nela. Também eles sentiam o mesmo ódio. Um ódio que crescera com uma violência imparável quando os quatro viviam no inferno.

— Tem a palavra a doutora Tannenberg.

O moderador do painel sobre «Cultura na Mesopotâmia» deixou o estrado livre à mulher não muito alta mas decidida que, apertando umas quantas folhas de apontamentos contra o peito, se dispôs a tomar a palavra.

Clara Tannenberg sentia-se nervosa. Sabia o que se encontrava em jogo nesse momento. Com o olhar procurou o marido entre a assistência, que lhe sorriu incutindo-lhe ânimo.

Durante uns instantes, perdeu a concentração ao pensar em como Ahmed era bonito. Alto, magro, de cabelo negro como a noite e olhos de um negro ainda mais intenso, era mais velho que ela, com mais quinze anos, mas partilhavam a mesma paixão, a arqueologia.

— Minhas senhoras e meus senhores, hoje é, para mim, um dia muito especial. Vim a Roma pedir-lhes ajuda, suplicar-lhes que levantem a voz para evitar a catástrofe que ameaça abater-se sobre o Iraque.

Um rumor espalhou-se pela sala. Os presentes não estavam dispostos a assistir a um comício de uma arqueóloga desconhecida, cujo principal mérito parecia ser o de ter casado com um membro do clã de Hussein que, por acaso, era o diretor do Departamento de Escavações. No rosto de Ralph Barry, moderador do painel sobre a Mesopotâmia, desenhou-se uma expressão de desagrado. Os seus temores pareciam confirmar-se; não ignorava que a presença de Clara Tannenberg e do marido, Ahmed Husseini, podia causar problemas. Tentara impedi-la por todos os meios, que eram muitos, tendo em conta que trabalhava para um homem poderoso, o presidente executivo da Fundação Mundo Antigo, que custeava uma boa parte das despesas do congresso. Nos Estados Unidos, ninguém que se dedicasse à arqueologia se atreveria a contrariar o seu chefe, Robert Brown. Mas estavam em Roma, onde a sua influência era mais limitada.

Robert Brown era um guru no mundo da arte. Recheara de objetos únicos os museus de todo o mundo e a coleção de tabuinhas de barro mesopotâmicas exposta em várias salas da fundação era considerada a melhor do mundo.

Brown fizera da arte a sua vida e o seu grande negócio. Uma noite, nos finais dos anos cinquenta, quando contava apenas trinta anos e tentava abrir caminho como comerciante de objetos de arte em Nova Iorque, conhecera alguém numa festa em casa de um pintor de vanguarda, frequentada por gente de todo o género. Na manhã seguinte, o tal homem fez-lhe uma proposta que mudou para sempre a sua vida, reorientando-lhe a profissão e ajudando-o a pôr em marcha um negócio extremamente lucrativo: convencer as multinacionais mais importantes a subsidiarem uma fundação privada a fim de financiar escavações e pesquisas em todo o mundo. Dessa maneira, as multinacionais atingiam um duplo objetivo: diminuían os impostos e adquiriam uma certa respeitabilidade perante os sempre desconfiados cidadãos. Guiado pelo seu Mentor, um homem tão rico quanto poderoso e influente em Washington, pôs em marcha a Fundação Mundo Antigo. Constituiu-se uma comissão de curadores, na qual figuravam banqueiros e homens de negócios que eram, no fim de contas, quem entrava com o dinheiro. Reunia-se algumas vezes ao ano com eles, primeiro para aprovar o novo orçamento e, depois, para prestar contas do anterior. Teriam, precisamente, uma reunião no fim desse mês de setembro. Robert Brown transformara Ralph Barry no seu braço direito, pois possuía prestígio no mundo académico por ser um professor muito conhecido. Quanto ao seu Mentor, George Wagner, o homem que o colocara no topo, tinha para com ele uma fidelidade canina, ocultando zelosamente o segredo do seu nome. Durante muitos anos executara sem protestar as suas ordens, transformando-se no que jamais se julgara capaz: numa marioneta nas suas mãos. Mas sentia-se feliz por isso.

Tudo quanto era, tudo aquilo que possuía, a ele o devia.

Brown dera instruções precisas a Barry, diretor do Departamento da Mesopotâmia da Fundação Mundo Antigo e ex-professor de Harvard: devia impedir Clara Tannenberg e o marido de participar

no congresso e, caso tal se revelasse impossível, teria, pelo menos, de evitar que falassem.

Ralph estranhara as instruções recebidas, por saber que o chefe conhecia o casal, mas nem por um momento lhe passou pela cabeça desobedecer às ordens.

Clara tinha plena consciência da hostilidade do público e corou de raiva. O «tio» Robert pagava o congresso e ela não tinha nada que ali estar. Engoliu em seco antes de continuar.

— Meus senhores, não vim falar de política, mas sim de arte. Vim pedir que salvemos o legado artístico da Mesopotâmia. Foi lá que se iniciou a história da humanidade e, se houver guerra, corre o risco de desaparecer. Vim também pedir-vos outro género de ajuda e não se trata de dinheiro.

Ninguém se riu da piada e Clara sentiu-se pior, mas estava decidida a continuar, por mais que notasse a irritação da assistência.

— Há muitos anos, há mais de meio século, o meu avô, que integrava uma expedição arqueológica nos arredores de Harran, encontrou um poço em cuja construção se utilizaram restos de tabuinhas de barro gravadas. Não ignoram que isso era comum e, ainda hoje, podemos deparar com tabuinhas reutilizadas pelos camponeses na construção das suas casas.

»As tabuinhas com que se cobrira o poço indicavam a área de determinados campos e o volume de cereais da última colheita. Havia centenas delas, mas duas pareciam não pertencer ao mesmo grupo das restantes, não só pelo seu conteúdo, como também pelos sinais que nelas figuravam, como se o redator das mesmas, ao fazer as incisões no barro, ainda não manejasse o estilete com suficiente destreza.

A voz de Clara ganhou emoção. Estava à beira de revelar o objetivo da sua vida, aquilo com que não deixara de sonhar desde que tinha o domínio da razão, o que dela fizera uma arqueóloga, o que estava para ela acima de tudo e de todos, incluindo o próprio Ahmed.

— Durante mais de sessenta anos — prosseguiu —, o meu avô guardou essas duas tabuinhas nas quais alguém, certamente um

aprendiz de escriba, conta que o seu parente, Abraão<sup>1</sup>, lhe ia comunicar como se formara o mundo e outras histórias fantásticas sobre um Deus que tudo pode e que tudo vê e que, numa ocasião, encolerizado com os homens, inundara a terra. Dão-se conta do que isto significa?

»Todos sabemos a importância que, para a arqueologia e a história, mas também para a religião, teve a descoberta dos poemas acádios da Criação, o *Enuma Elish*, a narração de Enki e Ninhursag, ou do Dilúvio na Epopeia de Gilgamesh. Pois bem, segundo as placas de argila que o meu avô encontrou, o patriarca Abraão juntou-lhe a sua própria versão da criação do mundo, influenciada, sem dúvida, pelos poemas babilónicos e acádios sobre o paraíso e a criação.

»Hoje também sabemos, porque a arqueologia assim o demonstrou, que a Bíblia foi escrita no século sétimo antes de Cristo, numa altura em que os governantes e sacerdotes israelitas tinham necessidade de cimentar a unidade do povo de Israel, para o que precisavam de uma história comum, uma epopeia nacional, um documento que servisse os seus próprios fins políticos e religiosos.

»No seu empenho em confrontar o que é descrito na Bíblia, a arqueologia descobriu verdades e mentiras, embora, atualmente, seja difícil separar a história da lenda por estarem tão intimamente ligadas. Mas o que parece claro é os relatos serem recordações de um passado, histórias antigas que os pastores emigrados de Ur para Harran levaram posteriormente para Canaã...

Clara calou-se, aguardando a reação dos colegas que a escutavam em silêncio: uns com tédio, outros com um certo interesse.

— Harran... Abraão... Na Bíblia encontra-se uma genealogia minuciosa dos «primeiros homens», desde Adão. Essa linhagem chega aos patriarcas pós-diluvianos, aos filhos de Sem, dos quais um dos descendentes, Terá, gerou Naor, Harran e Abrão que, mais tarde, se passou a chamar Abraão, pai de todas as nações.

---

<sup>1</sup> Na Bíblia, o patriarca Abraão é inicialmente designado por «Abrão» e a esposa por «Saraí». Os seus nomes mudam para Abraão e Sara quando Deus lhe promete que terão descendência. Abrão e Abraão são duas formas dialetais do mesmo nome; Abraão explica-se pela assonância com Ab Hamon: «pai de inúmeros povos».

»Exceto pela minuciosa narração bíblica, segundo a qual Deus ordena a Abraão que deixe a sua terra e a sua casa para se dirigir a Canaã, nunca foi possível demonstrar que teria havido uma primeira migração de semitas de Ur para Harran, antes de chegarem ao seu destino, fixado por Deus, na terra de Canaã. E o encontro entre Deus e Abraão teve de se produzir em Harran, onde alguns biblicistas mantêm que viveu o primeiro patriarca até à morte do pai, Terá.

»Certamente que quando Terá se deslocou para Harran o fez não apenas com os seus filhos Abraão e a esposa deste, Sara, e Naor e a sua mulher, Milca, mas também o acompanhou Lot, o filho do seu filho Harran, morto ainda jovem. Sabemos que, então, as famílias formavam tribos que se deslocavam de um sítio para outro com os seus rebanhos e pertences e que se fixavam periodicamente em lugares onde cultivavam um pedaço de terra para satisfazer as suas necessidades de subsistência. De modo que Terá, ao abandonar Ur para se fixar em Harran, o fez acompanhado por outros parentes, familiares em grau mais ou menos próximo. Pensamos... o meu avô, o meu pai, o meu marido, Ahmed Husseini, e eu pensamos que um membro da família de Terá, provavelmente um aprendiz de escriba, pode ter tido uma estreita relação com Abraão e que este lhe explicou as suas ideias sobre a criação do mundo, a sua conceção desse Deus único e quem sabe quantas coisas mais. Procurámos, durante anos, na região de Harran, outras tabuinhas do mesmo autor com resultados nulos. O meu avô dedicou a vida a pesquisar cem quilómetros à volta de Harran e não encontrou nada. Bom, o trabalho não foi totalmente estéril: no Museu de Bagdade, no de Harran, no de Ur e em muitos outros existem centenas de placas de argila e outros objetos que a minha família foi desenterrando, mas não encontrámos essas outras tabuinhas com o relato de Abraão que...

Com um gesto de enfado, um homem ergueu a mão e agitou-a, o que desconcertou Clara.

— Sim... Deseja dizer alguma coisa?

— Doutora, pretende afirmar que Abraão, o patriarca Abraão, o Abraão da Bíblia, o pai da nossa civilização, contou a não sei quem a ideia que fazia de Deus e do mundo e que esse não sei quem a escreveu, como se de um vulgar jornalista se tratasse, e que o seu avô, que,

por certo, nenhum de nós tem o prazer de conhecer, encontrou essa prova e a guardou durante mais de meio século?

— Pois, sim... é o que sustento.

— Ah! E diga-me, porque foi que, até agora, não informaram ninguém? Seria tão amável que nos explicasse quem é o seu avô e o seu pai? Porque do seu marido já sabemos alguma coisa. Aqui todos nos conhecemos e sinto ter de lhe dizer que, para nós, a senhora é uma ilustre desconhecida que, pelo teor da sua intervenção, qualificaria de infantil e fantasista. Onde se encontram essas placas de argila de que fala? A que testes científicos foram submetidas para garantir a sua autenticidade e datar a época a que afirma pertencerem? Minha senhora, aos congressos comparece-se com trabalhos idóneos e não com histórias da família, de uma família de amantes da arqueologia.

Um murmúrio percorreu a sala enquanto Clara Tannenberg, vermelha de ira, ficou sem saber o que fazer: se pôr-se em fuga, se insultar aquele homem que a ridicularizava e ofendia a sua família. Respirou fundo para ganhar tempo e viu como Ahmed se levantava olhando-a, furioso.

— Caro professor Guilles... Bem sei que teve milhares de alunos na sua longa vida como docente da Sorbonne. Eu fui um deles e deu-me sempre, durante o curso, as notas mais elevadas. De facto, obtive as mais altas classificações em todas as cadeiras, e não apenas na sua, e creio recordar que na Sorbonne se fez uma menção especial ao «meu caso» por, insisto, durante cinco anos ter tirado a nota mais alta em todas as cadeiras e me ter licenciado com a classificação máxima. Depois, professor, tive o privilégio de o acompanhar nas suas escavações na Síria e no Iraque. Lembra-se dos leões alados que encontrámos perto de Nippur num templo dedicado a Nabu? Foi pena que as figuras não estivessem intactas, mas, pelo menos, tivemos a sorte de dar com uma coleção de selos cilíndricos de Assurbanipal... Sei que não possuo os seus conhecimentos, nem a sua reputação, mas há anos que dirijo o Departamento de Escavações Arqueológicas do Iraque, embora atualmente não passe de um departamento morto. Estamos em guerra, uma guerra não declarada, mas guerra. Há dez anos que sofremos um cruel bloqueio e o programa de petróleo por

alimentos mal nos dá para subsistir enquanto povo. As crianças iraquianas morrem por não haver medicamentos nos hospitais e por as mães não conseguirem comprar-lhes comida, de modo que pouco dinheiro podemos dedicar a escavações em busca do nosso passado, de facto, do passado de toda a civilização. Todas as missões arqueológicas abandonaram o seu trabalho à espera de melhores dias.

»Quanto à minha esposa, Clara Tannenberg, há anos que é minha ajudante. Escavámos juntos, e tanto o avô como o pai foram homens apaixonados pelo passado que, em dada altura, ajudaram a financiar algumas missões arqueológicas.

— Ladrões de tumbas! — exclamou alguém da assistência.

Aquela voz e o estrondear dos risos nervosos de alguns participantes cravaram-se como facas em Clara. Mas Ahmed não se perturbou e continuou a falar como se nada de ofensivo tivesse ouvido.

— Pois bem, estamos certos de que o autor dessas duas tabuinhas guardadas pelo avô da Clara chegou a gravar as descrições que, segundo garante, lhe fez Abraão. Efetivamente, podemos estar a falar de uma descoberta crucial não só para a história da arqueologia, mas também para a da religião e tradição bíblica. Parece-me que devem permitir à doutora Tannenberg que prossiga. Clara, por favor...

Clara olhou, agradecida, para o marido, respirou fundo e, a medo, dispôs-se a continuar. Se outro velhadas a interrompesse tentando humilhá-la, cobri-lo-ia de gritos e impropérios e não se deixaria achincalhar. O avô havia de se sentir dececionado se pudesse observar aquela cena. Ele não queria que pedisse ajuda à comunidade internacional. «São todos uns filhos da puta arrogantes que julgam que sabem alguma coisa.» O pai talvez não a tivesse deixado vir a Roma, mas o pai já morrera e o avô...

— Durante anos concentrámo-nos em Harran, procurando restos dessas outras tabuinhas de cuja existência estávamos certos. Não achámos nem rasto. Precisamente na parte superior das que o meu avô encontrou surgia o nome de Shamas. Em alguns casos, os escribas costumavam pôr o nome na zona superior da placa, bem como o do supervisor da mesma. No caso de ambas estas tabuinhas apenas aparecia o de Shamas. Mas quem é Shamas, perguntarão?

»Desde que os Estados Unidos declararam o Iraque o seu pior inimigo, tornaram-se frequentes as incursões aéreas.

»Recordar-se-ão de que, há uns meses, aviões norte-americanos que sobrevoavam o Iraque afirmaram ter sido atacados de terra, tendo respondido soltando a sua carga de bombas. Pois bem, na zona bombardeada, entre Bassorá e a antiga Ur, numa aldeia chamada Safran, ficaram a descoberto os restos de uma construção e de uma muralha cujo perímetro calculamos em mais de quinhentos metros.

»Dada a situação no Iraque, não foi possível prestar a devida atenção a essa construção, por mais que eu e o meu marido, juntamente com um pequeno contingente de operários, começássemos a escavar com mais determinação do que meios. Cremos que pode ser um depósito de uma casa de tabuinhas ou outro anexo de um templo. Não o sabemos de ciência certa, mas encontrámos restos de placas de argila, e a surpresa foi que, entre esses fragmentos, descobrimos um com o nome de Shamas. Será o mesmo Shamas relacionado com Abraão?

»Ignoramo-lo, mas pode ser que sim. Abraão empreendeu a viagem para Canaã com a tribo do pai. Crê-se que o patriarca permaneceu em Harran até à morte deste, só então tendo iniciado a viagem para a Terra Prometida. Shamas pertencia à tribo de Abraão? Acompanhou-o a Canaã?

»Quero pedir que nos ajudem. O nosso sonho seria criar uma missão arqueológica internacional. Se encontrássemos essas tabuinhas... Perguntei-me, durante anos, em que momento deixou Abraão de ser politeísta, como os seus contemporâneos, e passou a crer num só Deus.

O professor Guilles voltou a erguer a mão. O velho docente da Sorbonne, um dos mais reputados especialistas mundiais em cultura mesopotâmica, parecia disposto a estragar o dia de Clara.

— Doutora, insisto em que nos mostre as placas de argila de que nos falou. Caso contrário, permita que os presentes que têm algo a comunicar possam intervir.

Clara Tannenberg não aguentou mais. Um lampejo de ira assomou-lhe aos olhos azuis.

— O que foi, professor? Não suporta que alguém, para além do senhor, possa saber alguma coisa sobre a Mesopotâmia e, inclusivamente, fazer uma descoberta? O seu ego sente-se assim tão atingido?

Guilles levantou-se lentamente e dirigiu-se aos presentes.

— Regressarei ao painel quando se voltar a falar de coisas sérias.

Ralph Barry sentiu-se obrigado a intervir. Aclarou a voz e dirigiu-se à vintena de arqueólogos que assistiam, mal-humorados, à cena protagonizada por aquela colega que todos desconheciam.

— Sinto muito o que se passa. Não percebo porque não somos um pouco mais humildes e ouvimos o que a doutora Tannenberg tem a dizer. É arqueóloga como nós, porquê tantos preconceitos? Está a expor uma teoria; ouçamo-la e opinemos depois, mas desautorizá-la *a priori* não me parece muito científico.

A professora Renh, da Universidade de Oxford, uma mulher de meia-idade com o rosto curtido pelo sol, levantou a mão para pedir a palavra.

— Ralph, aqui todos nos conhecemos... A doutora Tannenberg apresentou-se contando algo sobre umas tabuinhas de que não mostrou, sequer, uma fotografia. Fez uma declaração, tal como o marido, sobre a situação no Iraque, que eu pessoalmente lamento, e expôs uma teoria sobre Abraão que, francamente, parece mais fruto da fantasia do que de um trabalho científico.

»Mas estamos num congresso e, enquanto noutras salas os nossos colegas de outras especialidades apresentam comunicações e conclusões, nós... nós... tenho a impressão de estarmos a perder o nosso tempo.

»Sinto muito, mas penso como o professor Guilles. Gostaria que deitássemos mãos ao trabalho.

— É precisamente isso que estamos a fazer! — gritou Clara, indignada.

Ahmed levantou-se e, ajustando a gravata, dirigiu-se aos presentes sem olhar ninguém em particular.

— Lembro-vos de que as grandes descobertas arqueológicas vieram de homens que sabiam ouvir e procurar entre as brasas das lendas. Mas vocês não desejam, sequer, considerar o que tentamos expor. Aguardam. Sim, aguardam os acontecimentos, o momento em

que Bush atacar o Iraque. Vocês são ilustres professores e arqueólogos dos países «civilizados», de modo que, independentemente de terem maior ou menor simpatia por Bush, não estão dispostos a pôr em risco a carreira defendendo um projeto arqueológico que possa ser confundido com uma ajuda ao Iraque. Compreendo-o perfeitamente, mas o que não compreendo é a razão dessa atitude fechada que lhes impede, sequer, de ouvir e tentar averiguar se algo do que lhes comunicamos é ou pode ser verdade.

A professora Renh voltou a levantar a mão.

— Professor Husseiní, insisto que nos apresente alguma prova do que diz. Deixe de nos julgar e, sobretudo, deixe de nos fazer um comício. Somos todos adultos e viemos aqui para discutir arqueologia e não política. Não faça teatro apresentando-se como uma vítima, mas mostre uma prova do que defendem.

Clara levantou-se e começou a falar sem dar tempo a Ahmed para replicar.

— Não temos connosco as tabuinhas. Todos sabem que, dada a situação no Iraque, não as deixariam sair. Dispomos de fotografias que, não sendo de boa qualidade, podem ao menos provar que as placas de argila existem. Apenas pedimos ajuda, ajuda para escavar. Não dispomos de meios suficientes para o fazer. No Iraque de hoje, a arqueologia constitui a última preocupação de todos, sendo mais importante sobreviver.

Um profundo silêncio acompanhou desta vez as suas palavras. Depois, a assistência levantou-se e abandonou a sala.

Ralph Barry aproximou-se de Ahmed e de Clara com um ar aparentemente compungido.

— Sinto muito, fiz tudo o que podia, mas já lhes tinha dito que este não me parecia o melhor momento para intervirem no congresso.

— O senhor fez tudo o que estava ao seu alcance para não o podermos fazer — respondeu-lhe Clara com ar de desafio.

— Doutora Tannenberg, a conjuntura internacional afeta-nos a todos. A senhora bem sabe que, no mundo da arqueologia, procuramos sempre manter-nos afastados da política. Caso contrário, seriam impensáveis missões arqueológicas a determinados países. Ahmed,

sabe que agora é impossível encontrar ajuda. Dada a situação política, não é viável à fundação encarar sequer uma escavação no Iraque. O presidente seria censurado e o conselho de administração não o permitiria. Já lhes expliquei que, dadas as circunstâncias, seria preferível que a vossa presença no congresso fosse discreta, mas empenham-se em contrariar-me. Enfim, esperemos que o que se passou esta tarde não acabe por se tornar um escândalo...

— Não somos politicamente corretos e parece que temos alguma doença contagiosa — fulminou-o Clara, indignada.

— Por favor! Expus-lhes sinceramente a conjuntura; conhecem-na tão bem quanto eu. Apesar disso, não percam a esperança. Notei que o professor Yves Picot os ouvia atentamente. Trata-se de uma pessoa muito peculiar, mas é também uma autoridade na matéria.

Ralph arrependeu-se imediatamente de lhes ter falado de Picot. Mas era verdade que o excêntrico professor ouvira Clara com interesse. Embora, com os antecedentes de Picot, o interesse pudesse não ser inteiramente acadêmico.

Chegaram ao hotel exaustos. Insatisfeitos consigo próprios e pouco à vontade um com o outro. Clara não ignorava que se aproximava uma borrasca. Ahmed defendera-a, sim, mas ela tinha a certeza de que ele se sentia aborrecido com a forma como ela apresentara o assunto. Pedira-lhe encarecidamente que não mencionasse o avô nem o pai e que circunscrevesse a descoberta à atualidade, pois, dada a situação no Iraque, ninguém lá iria comprovar o que dissessem. Mas ela quisera prestar uma homenagem ao pai e ao avô, a quem adorava e com quem aprendera tudo o que sabia. Não dizer que o avô descobrira as tabuinhas teria sido como que espoliá-lo.

Entraram no quarto no momento em que a mulher da limpeza acabava de o arrumar e mantiveram-se em silêncio, aguardando a sua saída.

Ahmed foi buscar um copo ao frigorífico e serviu-se de um uísque. Como não lhe ofereceu nada, ela própria deitou um pouco de *Campari* num copo e sentou-se, esperando que estalasse a tempestade.

— Cobriste-te de ridículo — afirmou, com dureza, o marido. — Tornaste-te patética ao falar do teu pai, do teu avô e de mim. Meu Deus, Clara, somos arqueólogos, não andamos a brincar aos arqueólogos, nem aquilo era a festa de fim de curso na universidade, onde temos de agradecer ao paizinho tudo quanto fez por nós! Disse-te várias vezes para não mencinares o teu avô, mas tu tinhas de fazer o que te desse na veneta sem medir as consequências, sem te aperceberes do que estavas a desencadear, do que podes desencadear. O Ralph Barry pediu-nos para sermos discretos e tornou claro que o seu «chefê» Robert Brown quer que escavemos, mas não nos pode auxiliar diretamente, pois estariam a pôr em risco o seu próprio pescoço. Não pode dizer aos amigos da administração que se interessa por uma arqueóloga desconhecida, neta de um velho amigo e casada com um iraquiano, bem visto pelo regime, e que os pretende ajudar. O Ralph disse-o alto e bom som: o Robert Brown estaria a cavar a sua própria sepultura. Que tinhas em mente, Clara?

— Não vou roubar o meu avô! Porque não poderei falar dele, nem do meu pai, nem de ti? Não tenho nada de que me envergonhar. Eles eram antiquários e gastaram fortunas patrocinando escavações no Iraque, na Síria, no Egito... em...

— Acorda, Clara, tem juízo! O teu avô e o teu pai não passam de simples comerciantes, não são nenhuns mecenas! Cresce e torna-te mulher, deixa de andar ao colo do teu avô!

Ahmed calou-se de repente. Sentia-se extremamente cansado.

— A *Bíblia de Barro*, assim lhe chama o meu avô. O Génesis contado por Abraão... — sussurrou Clara em voz baixa.

— Sim, a *Bíblia de Barro*. Uma bíblia escrita em barro mil anos antes de o ter sido em papiro.

— Uma descoberta transcendente para a humanidade. Mais uma prova da existência de Abraão. Não julgas que nos enganámos, pois não?

— Também eu quero encontrar a *Bíblia de Barro*, mas hoje, Clara, delapidaste a melhor oportunidade que tínhamos para o fazer. Aque-la gente faz parte da elite da arqueologia mundial e nós temos de nos fazer perdoar por sermos quem somos.

— E quem somos nós, Ahmed?

— Uma arqueóloga desconhecida casada com o diretor do Departamento de Escavações de um país de regime ditatorial cujo dirigente foi condenado por já não servir os interesses dos poderosos. Há anos, quando vivia nos Estados Unidos, não era desvantajoso ser iraquiano, bem pelo contrário. Saddam combatia o Irão e servia os interesses de Washington. Assassinaava curdos com as armas que lhe vendiam os norte-americanos, armas químicas proibidas pela Convenção de Genebra, as mesmas que agora procuram encontrar. É tudo uma mentira, Clara, e por isso há que obedecer às regras. Mas a ti nada do que acontece à tua volta te importa; tanto te faz Saddam, Bush ou quem possa morrer por culpa de ambos. O teu mundo circunscreve-se ao teu avô e a mais ninguém.

— De que lado estás tu?

— Como?

— Atacas o regime de Saddam, pareces compreender os americanos, outras vezes parece que os detestas... Com quem estás?

— Com ninguém, estou sozinho.

A resposta surpreendeu Clara. Impressionou-a a sinceridade do marido, ao mesmo tempo que a magoava descobrir a sua sensação de desenraizamento.

Ahmed era um iraquiano demasiado ocidentalizado. Fora perdendo as raízes um pouco por todos os cantos do mundo. O pai tinha sido diplomata, um homem ligado ao regime de Saddam e recompensado com várias embaixadas: Paris, Bruxelas, Londres, México, o consulado de Washington... A família Husseini vivia bem, muito bem, e os filhos do embaixador tornaram-se perfeitos cosmopolitas, estudando nos melhores colégios europeus, aprendendo vários idiomas e frequentando as mais exclusivas universidades norte-americanas. As três irmãs casaram-se com ocidentais, não suportando voltar a viver no Iraque. Tinham crescido livres em países democráticos. E ele, Ahmed, também sorvera a democracia em cada novo destino para onde enviavam o pai, a ponto de o Iraque o asfixiar, apesar de, quando regressava, viver com os privilégios inerentes aos filhos do regime.

Teria ficado nos Estados Unidos, mas conhecera Clara, e o avô e o pai queriam-na ao pé deles, no Iraque. De modo que resolvera regressar.

— E agora, que fazemos? — perguntou ela.

— Nada. Já não podemos fazer nada. Amanhã telefono ao Ralph para que nos informe sobre as dimensões do desastre que provocaste.

— Regressamos a Bagdade?

— Ocorre-te mais outra ideia luminosa?

— Não sejas sarcástico! Fiz o que julgava ser a minha obrigação, devia-o ao meu avô. De acordo, ele é um homem de negócios, mas ama a Mesopotâmia acima de tudo no mundo e inculcou esse sentimento no meu pai e em mim. Podia ter sido um grande arqueólogo, mas não teve a sorte de poder dedicar-se à sua vocação. Mas foi ele e apenas ele quem descobriu as duas tabuinhas, quem as guardou durante mais de meio século, quem gastou o seu dinheiro para que outros escavassem procurando o rasto de Shamas... Só quero que te lembres de que os museus do Iraque estão cheios de peças e placas de argila das escavações financiadas pelo meu avô.

Um esgar de desprezo desenhou-se no rosto de Ahmed. Ela sobressaltou-se. De repente, o marido parecia-lhe um estranho.

— O teu avô foi sempre um homem discreto, Clara, tal como o teu pai. Nunca se entregaram a exibições gratuitas. A tua atuação de hoje tê-los-ia dececionado. Não foi isso que te ensinaram.

— Ensinaram-me a amar a arqueologia.

— Obcecaram-te com a *Bíblia de Barro*, queres tu dizer.

Caiu um silêncio pesado entre eles. Ahmed bebeu o uísque de um trago e fechou os olhos. Nenhum dos dois desejava continuar a discussão.

Clara meteu-se na cama pensando em Shamas e imaginou-o com um fino cálamo na mão desenhando no barro...